
Beleza, vaidade e estética por meio da cultura material na Porto Alegre oitocentista

Beauty, vanity and aesthetics through the material culture in nineteenth century Porto Alegre

Jocyane R. Baretta*

Resumo: As práticas cotidianas de cuidados com o corpo, bem como sua valorização estética são, neste trabalho, interpretadas a partir da cultura material exumada em sítios arqueológicos históricos de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O material arqueológico é oriundo de áreas de descarte de lixo de unidades domésticas, lixeiras coletivas e de uma lixeira no terreno de um hospital. Buscou-se entender hábitos de cuidado com o corpo, em um contexto da segunda metade do século XIX, que diz respeito às práticas cotidianas anônimas da sociedade porto-alegrense. O cotidiano “das pessoas da cidade”, as mudanças nos hábitos e a apropriação ou não de práticas estão contextualizados no processo de construção da modernidade brasileira e analisados de acordo com os diferentes tipos de discurso relativos aos cuidados com o corpo.

Palavras-chave: Cuidados com o corpo. Cultura material. Porto Alegre no séc. XIX.

Abstract: The everyday practices of body care, as well as their aesthetic valuation are, in this work, interpreted through the exhumed material culture in historical archaeological sites of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The archaeological material stems from areas of domestic garbage discarding, collective dumpsters and from the premises of a hospital. One sought to understand habits of body care in a context of the second half of the 19th century, relating to daily anonymous practices of Porto Alegre society. Everydayness of the “city people,” changes in their habits and their appropriation or not of such practices, are contextualized in the process of construction of Brazilian modernity and analyzed in the different types of speech relating to the body care.

Keywords: Body care. Material culture. Porto Alegre in the 19th century.

* Graduada em História pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Pesquisadora colaboradora no Programa de Arqueologia Urbana de Porto Alegre – Museu Joaquim José Felizardo. *E-mail:* jocyane@smc.prefpoa.com.br

Introdução

Este artigo pretende mostrar o potencial arqueológico dos sítios históricos urbanos de Porto Alegre no que diz respeito às práticas de cuidado com o corpo, voltadas à questão da estética e da beleza. A partir de um exercício interpretativo, buscou-se compreender como se davam as práticas de asseio pessoal em um contexto de construção da modernidade brasileira, por meio da contextualização das mudanças nos hábitos e da apropriação de novas práticas, que circulavam em diferentes formas de discurso, bem como das relações de consumo na sociedade porto-alegrense oitocentista. O recorte temporal compreende a segunda metade do século XIX e o início do século XX. Optou-se por incluir, na pesquisa, materiais recuperados em dois sítios cuja ocupação adentrou o século XX com a finalidade de verificar o potencial para estudo dessa temática. A cultura material foi selecionada dentre diferentes tipos de artefatos históricos em louça, em vidro e em ossos, cujos atributos apresentaram alguma relação possível com os cuidados com o corpo.

Foram escolhidos sítios arqueológicos de diferentes pontos da cidade, compreendendo áreas de descarte de lixo de unidades domésticas, lixeiras coletivas e de uma lixeira de um hospital. As interpretações foram realizadas considerando um contexto que diz respeito às práticas cotidianas da sociedade porto-alegrense em relação ao cuidado com o corpo como um todo, não se atendo a cada sítio arqueológico em específico.¹

Contexto histórico: cuidados com o corpo e seus adereços

No cenário europeu, mais especialmente na França moderna, as noções de higiene e os cuidados com o corpo se davam não como os concebemos hoje pela ablução (banhos por imersão), mas, inicialmente, a seco, com a fricção, na pele, de um pano perfumado. (VIGARELLO, 1985).

As noções de higiene estavam ligadas à aparência e eram evocadas nos manuais de conduta. Erasmo de Rotterdan, em 1530, já abordava a limpeza do rosto e das mãos. Jean Baptiste de La Salle, em 1736, “não dispensava os cuidados com os cabelos que deveriam ser curtos, penteados e regularmente limpos com pó e farelo. Insistia na higiene da boca, que deveria ser lavada todas as manhãs, e as unhas cortadas a cada oito dias”. (VIGARELLO, 1985, p. 23).

No século XV, antes das restrições quanto ao uso da água, os banhos estavam ligados aos “prazeres da água” e não a noções de higiene. No âmbito privado, os banhos eram sinônimo de ostentação e riqueza, sendo utilizados para diversões e recepções na corte francesa. As restrições ao uso da água iniciaram somente no século XVI. Isso é percebido pelo desaparecimento dos banhos e das estufas públicas por toda a Europa. Os motivos para tal desaparecimento estavam ligados à proliferação de pestes, ao medo da “invasão” da água através dos poros e, ainda, “à promiscuidade e excessos que ofendiam a moral”. Também se acreditava que a água, ao entrar em contato com a pele, poderia levar consigo a peste, causar alterações nos humores² e enfraquecer órgãos vitais, por isso a água deveria ser manuseada com cautela. (VIGARELLO, 1985, p. 27).

Como as pessoas não tomavam banho, faziam uso de artifícios que melhoravam a aparência, como camisas íntimas de tecidos impermeáveis para esconder os odores, as feridas e o demasiado número de parasitas de toda espécie de que ficavam impregnados os corpos. Essas camisas eram trocadas ou lavadas de tempos em tempos. (VIGARELLO, 1985, p. 27).

Os higienistas do século XVII associavam a grande quantidade de parasitas nos corpos ao excesso de humores, demonstrando não estarem diretamente ligados à higiene, pois “são as substâncias humanas degradadas que lhes dão vida e reduzir os humores ajudaria a suprimir tal proliferação”. (VIGARELLO, 1985, p. 42).

Segundo Lima (1995, p. 49), a Teoria dos Humores, ou Teoria Humoral, advém da medicina hipocrática no século V antes da Era Cristã. Essa teoria foi baseada na *Physis* [a natureza] e corresponde aos quatro elementos: água, ar, fogo, e terra. Esses elementos foram associados a quatro qualidades: quente; frio, úmido, e seco. Todos esses elementos, por sua vez, foram relacionados aos humores presentes no corpo humano, que correspondem ao sangue, ao fleuma ou catarro, à bile amarela e à bile negra. A Teoria Humoral consistia em manter o equilíbrio dos humores no corpo, para que o indivíduo gozasse de boa saúde.

Em função das restrições quanto ao uso da água até meados do século XVII, a limpeza da parte externa do corpo, segundo entendemos hoje, estaria comprometida e, certamente, causaria males. Mas, naquele período, a alternativa utilizada para eliminar as moléstias do corpo consistia em tratar dos humores, fazendo uma “limpeza interior” ao invés de tomar banho.

Corbin (1987, p. 54), ao abordar assuntos referentes aos odores, ao uso da água e aos humores, enfatiza os perigos da água para com os humores. Os odores emanados dos órgãos e dos humores deveriam ser mantidos ou eliminados com cautela. “A intensidade dos eflúvios, sinal de uma intensa animalização, atesta o vigor do indivíduo e da raça.” Ou seja, era importante manter certos odores nos corpos, pois eles, os odores, poderiam servir como demonstração de força, de vitalidade, de indivíduos saudáveis.³

A água somente voltou a ser utilizada com mais intensidade, a partir da segunda metade do século XVII. Os banhos, objeto de estudo de médicos e higienistas, passaram a ser defendidos por trazerem benefícios ao corpo, “como o banho quente que alivia porque faz circular os humores”. A aristocracia francesa começou a construir, em suas residências, cômodos e objetos apropriados para os banhos, como a “cadeira de abluções ou bidê”. (VIGARELLO, 1985, p. 87).

Os objetos e adereços utilizados para higiene corporal e dos espaços constituem elementos importantes para o entendimento do processo e das mudanças pelas quais passou a questão da higiene na Europa moderna. O uso da água, as mudanças no vestuário como a substituição de tecidos impermeáveis pelos que absorviam o suor, as pinturas no rosto que eram utilizadas por homens e mulheres, a fim de deixar a tez branca, o hábito de fazer bochechos com água e canela para melhorar o hálito, o uso de pentes e pós nos cabelos, bem como a utilização de perfumes com diferentes finalidades, compõem o que Corbin (1987) chama “ritual da toalete”, enquanto para a higiene dos espaços se utilizavam incensos, perfumes nos objetos e na mobília, o hábito de ventilar a casa e a construção de jardins nos arredores das residências. (VIGARELLO, 1985).

A nova organização das práticas de higiene valorizou a limpeza dos corpos e a aparência. Esses novos critérios consistiam na “retirada das sujidades da pele”, evitando que o “cascão” causasse o desequilíbrio dos humores. “O cascão obstrui os poros, retém os humores excrementiciais, favorece a fermentação e a putrefação das matérias e, pior que tudo, facilita o rebombamento das imundícies de que a pele está carregada.” (CORBIN, 1987, p. 97).

No século XIX, os médicos recomendavam que se praticasse o ritual da toalete, que consistia na lavagem das mãos, dos pés, das axilas, das virilhas e dos órgãos genitais. Tal ritual poderia ser regulado ou organizado, para o caso feminino, conforme seus períodos menstruais.

(CORBIN, 1987). No século XIX, os avanços da medicina e da ciência com relação aos estudos do ar (a química pneumática), as preocupações também se centravam nos espaços públicos e privados. A higiene começava a ser vista além dos cuidados com o corpo. Os autores Vigarello (1985) e Corbin (1987) abordaram a questão da higienização das cidades e dos espaços, falando dos avanços da canalização dos esgotos, do uso de ventilação, das técnicas de engenharia, da reestruturação dos centros urbanos e dos cuidados com o lixo.

Desde o século XVIII, na França, essas medidas, segundo Foucault (2001), se tornaram questão de política pública com o objetivo de “elevar o nível da saúde do corpo social em seu conjunto”. Os avanços da medicina contribuíram para “a elaboração de políticas públicas, através das medidas higienistas, desempenhando um papel de polícia médica, com suas obrigações e serviços”. O objetivo era manter o “corpo social” saudável, porque estavam envolvidas outras questões de ordem político-econômica, além das epidemias bastante recorrentes na época. (FOUCAULT, 2001, p. 198-199).

O olfato e as novas representações da elegância: o uso de perfumes

As práticas do uso de perfumes vêm desde o antigo Egito, como parte de rituais religiosos mediante a queima de incenso e a aplicação de bálsamos e unguentos. Óleos perfumados eram aplicados à pele com propósitos cosméticos, medicinais ou, ainda, espirituais.

Durante o período do Império Romano, o uso de perfumes entrou em declínio, sendo retomado na Era Moderna. Os perfumes começaram a fazer sucesso durante o século XVII, com o uso de objetos perfumados, como luvas e sachês. A partir de 1656, os perfumes começaram a ser utilizados com frequência, sendo aplicados na pele, nas roupas e nas mobílias. (HISTÓRIA PERFUME, 2009).

Nesse período, o uso de perfumes estava ligado à intenção de esconder ou disfarçar os maus odores do corpo. O nariz desempenhava um papel importante, por meio do olfato, se era capaz de definir o “são do mal são”. (CORBIN, 1987, p. 31). Daí a importância de encobrir maus odores causados por feridas e parasitas. Segundo Vigarello (1985), os perfumes tornaram-se bastante utilizados e com diferentes finalidades,

além de favorecer a higiene e a saúde. A aparência e a estética eram fatores importantes, deixando claro que estar perfumado fazia parte de uma espécie de “ritual do disfarce”.

Os perfumes também eram utilizados como fator de diferenciação, segundo Vigarello (1985) e Corbin (1987), ao se referirem ao uso de odores requintados (os de origem vegetal e floral), distanciados de odores comuns (os de origem animal). A variedade de essências de origem vegetal e floral, que entrava e saía de moda, era percebida pelo uso de lenços perfumados.

Os perfumes, conseqüentemente, valorizavam as questões estéticas, num período em que a aparência e a decência eram fundamentais para a vida da aristocracia francesa. Essas regras e a moda eram ditadas pelos manuais de conduta e civilidade. Outro motivo pelo qual as pessoas utilizavam perfumes era o fato de haver restrições quanto ao uso de água, fazendo com que os corpos fossem impregnados de perfumes, até mesmo de modo exagerado, tornando o ar à sua volta irrespirável, pois “a higiene era daquilo que se vê e sente”. (VIGARELLO, 1985, p. 75).

Somente a partir da segunda metade do século XVIII, que se percebeu o início das mudanças nas práticas com relação ao uso de perfumes. Com o retorno do uso de água e banhos por ablução, já não havia necessidade de esconder as moléstias do corpo e o mau cheiro por elas provocado, uma vez que o sabão também contribuía para a cura. E, ainda, o excesso de perfumes também poderia fazer mal.

Os discursos higienistas reforçavam a importância das abluções para a eliminação das impurezas depositadas sobre a pele. Se a pele permanecesse impregnada de sujeira, essa obstruía e alteraria os humores, causando doenças. Mesmo com as descobertas em relação ao uso de água e os discursos de médicos e higienistas, favoráveis aos banhos, os perfumes não deixaram de ser utilizados. Pelo contrário, o que se percebeu pela própria história do perfume é um aumento no consumo durante a Era Moderna e o aparecimento de novas fragrâncias. Todavia, o que mudou foram os motivos pelos quais os perfumes eram/são consumidos. Além da vaidade, da estética e da aparência, os perfumes adquiriram fins terapêuticos.

A utilização dos aromas para “purificar” os corpos e ambientes se tornou uma prática comum nas cortes europeias, advinda dos mais variados discursos divulgados via manuais de conduta, retórica de médicos e mesmo pelo contato entre pessoas, que poderiam fazer recomendações umas às outras.

A partir da segunda metade do século XVIII, os médicos começaram a “justificar cientificamente as virtudes terapêuticas de certos arômatas”, que auxiliavam no combate aos miasmas⁴ pútridos de forma eficaz. A aceitação da comunidade médica, com relação aos efeitos terapêuticos dos odores, se deu antes dos avanços da química pneumática,⁵ pois, após essas descobertas, os discursos se tornaram contrários, privando os odores e arômatas do “seu álibi terapêutico”, afirmando que o uso de incensos servia apenas para mascarar os maus odores. (QUÍMICA, 2009).

O uso de perfumes serviu como fator indicativo de práticas e hábitos que, apesar de os discursos higienistas terem mudado ao longo do tempo, o seu uso permaneceu, porém, com significados incrementados com novos propósitos. E, ainda, continuaram atrelados ao uso de perfumes, a sentimentos de beleza, de estética e de vaidade. Assim como percebeu Lima (1995, p. 55) no que diz respeito às práticas da medicina humoral que, segundo ela, “penetrou profundamente nas mentalidades, exercendo uma influência decisiva e duradoura”.

A análise de Lima (1995, p. 52) mostra que os “avanços da medicina e o desenvolvimento da ciência e tecnologia, paralelos ao crescimento da indústria e do capitalismo”, de maneira mais acentuada a partir da segunda metade do século XIX, foram fatores que contribuíram para o “advento da medicina efetivamente científica, moderna”. Porém, o ideário hipocrático, no qual se baseava também a terapia com aromas, “permanece arraigado nas mentalidades, contribuindo fortemente para a formação da consciência médica popular e impregnando hábitos e práticas da vida cotidiana”. (LIMA, 1995, p. 27).

Cuidados com o corpo no Brasil

Segundo Lima (1989), a chegada da Coroa portuguesa ao Brasil, em 1808, marcou o início de um período de profundas transformações políticas, econômicas, sociais e culturais. Esse período iniciou o processo de “construção da modernidade [brasileira], com a entrada dos valores modernos a partir de condições propiciadas com a constituição das duas instituições [...] do mundo moderno – o mercado e o Estado”. (TOCCHETTO, 2004, p. 156-159). Essa absorção da modernidade europeia aconteceu de maneira profunda, a partir de um somatório de elementos “imitativos” e de elementos próprios de “assimilação e aprendizado cultural”. (p. 156-159).

No Rio de Janeiro, as elites da capital do Império buscavam se espelhar no “modelo parisiense” de cidade moderna, absorvendo os paradigmas europeus como sinônimo de porte, urbanidade, civilidade, requinte e bom gosto. No Brasil, os costumes, as práticas e os hábitos da sociedade carioca serviam como referência a outras cidades brasileiras no século XIX. (PESAVENTO, 1999).

Lima (1989) refere que, a partir da cultura material exumada em sítios arqueológicos históricos no Rio de Janeiro, as práticas foram se modificando ao longo do tempo e profundamente alteradas após a chegada da Coroa portuguesa. A autora coloca que, mesmo antes da chegada da família real no Brasil, a população carioca já tinha hábitos de higiene pessoal, possivelmente em virtude da influência indígena. “A água era apanhada pelos escravos aguadeiros nas bicas e aquedutos públicos, consistindo o asseio em abluções feitas em bacias e baldes, não raro perfumadas com essências naturais.” (p. 207). Além disso, o calor dos trópicos talvez fosse outro fator importante que reforçava o hábito de tomar banhos. Isso pode ser demonstrado pela utilização de práticas com relação ao uso de água, “causando espanto aos europeus o apreço que os brasileiros tinham por esse costume”. (p. 80).

A Corte portuguesa, ao se instalar no Brasil, não tinha o hábito de tomar banho regularmente e trocava suas camisas uma vez a cada mês. As pessoas estrangeiras, que não faziam parte da Corte, aderiram às práticas locais de banho com mais facilidade, inicialmente com abluções parciais – lavando somente os pés. Com o passar do tempo, os banhos nos rios e no mar se tornaram comuns, pois eram neles que lavavam o corpo, as roupas e as louças. O Rio de Janeiro recebeu o benefício da água encanada no século XIX, sendo a primeira cidade brasileira a dispor dessa benesse. (BANHOS NO BRASIL, 2009).

Em Porto Alegre, no sítio Pinacoteca Municipal – RS.JA-66, foi encontrada uma cisterna no pátio da casa, provavelmente construída no século XIX, uma novidade em relação aos outros sítios da cidade, revelando a preocupação dos ocupantes da casa com relação ao armazenamento de água e denunciando a possibilidade de haver problemas com abastecimento de água.

As práticas de asseio pessoal notadas no Rio de Janeiro pelo aparecimento de artefatos relacionados a produtos de beleza, como “vidros de unguentos e óleos para cabelo, produzidos na Inglaterra; frascos de perfume e cosméticos; travessas para o cabelo [e] escovas de dente feitas em osso”, recuperados nos sítios arqueológicos cariocas. No decorrer do

século XIX, esses produtos estavam “difundidos nos estratos pequeno-burgueses” da sociedade carioca. (LIMA, 1989, p. 222). A entrada desses produtos de maneira maciça no Brasil, após a abertura dos portos às nações amigas, em 1810, e as alianças comerciais feitas com a Inglaterra colaboravam para que o seu consumo se popularizasse. A “ânsia de copiar os costumes, o bom gosto e o requinte europeu é canalizada [...] para o uso de acessórios e cosméticos, em grande parte, inadequados ao clima tropical”. (p. 207).

Os produtos para o cuidado com o corpo, encontrados nos sítios arqueológicos históricos de Porto Alegre, são, em grande parte, de procedência europeia, ou pelo menos *rotulados*⁶ em língua estrangeira. Provavelmente, isso demonstra que o uso de tais produtos, pela população local, era feito com a intenção de imitar os costumes europeus e como um modo de se sentir inserida nesse contexto de modernidade.

Sítios arqueológicos

Os sítios arqueológicos pesquisados⁷ compreendem áreas de descarte de lixo em três situações diferentes: lixeiras domésticas; lixeiras coletivas; e uma lixeira no terreno de um hospital. As lixeiras domésticas correspondem aos sítios arqueológicos Solar da Travessa Paraíso – RS.JA-03, Solar Lopo Gonçalves – RS.JA-04, Casa Riachuelo – RS.JA-17, Chácara da Figueira – RS.JA-12 e Pinacoteca Municipal – RS.JA-66. As lixeiras domésticas são entendidas como o depósito de refugos ou como áreas de descarte de lixo nos espaços compreendidos pelas unidades domésticas, fruto de atividades cotidianas. As lixeiras coletivas compreendem o depósito de lixos em áreas públicas, onde os refugos eram descartados por parcelas da população e correspondem aos sítios Mercado Público – RS.JA-05, Praça Rui Barbosa – RS.JA-06 e Paço Municipal – RS.JA-20. A área de descarte de lixo no terreno do Complexo Hospitalar Santa Casa de Misericórdia, de Porto Alegre, corresponde a uma das estruturas do sítio arqueológico Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29.

Localização dos sítios arqueológicos

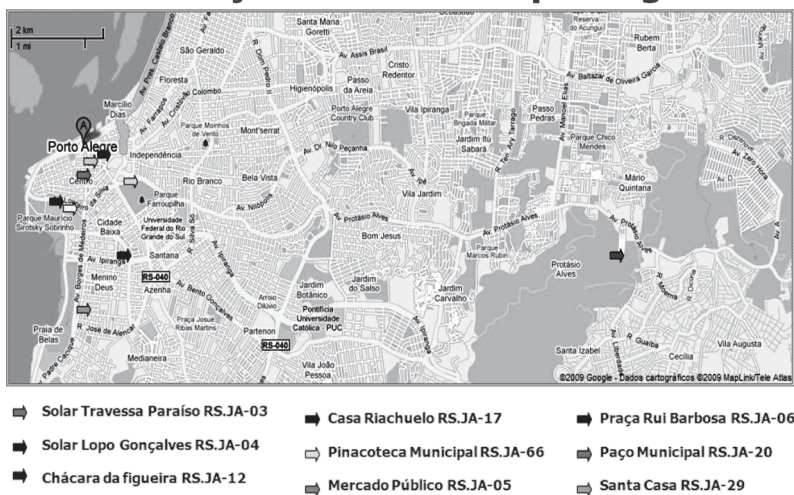


Figura 1: Localização dos sítios arqueológicos

Fonte:

Uma das intenções deste artigo é mostrar a distribuição espacial desses sítios arqueológicos no espaço da cidade, a fim de que se tenha uma ideia abrangente dos locais onde foram encontrados, ou não, materiais relacionados com os cuidados com o corpo. A intenção foi fazer um exercício interpretativo sobre as práticas de asseio pessoal e cuidados com o corpo das pessoas da cidade, ou seja, práticas cotidianas e anônimas da sociedade porto-alegrense.

Considerações sobre a amostra material

Para a viabilização desse exercício interpretativo, a amostra material foi trabalhada com o objetivo de discutir questões relativas à forma e à função dos materiais. Foram preenchidas fichas contendo a quantidade de fragmentos de cada categoria material, a fim de determinar o Número Mínimo de Peças (NMP).

Para que não houvesse distorções quanto à quantificação por NMP, foram selecionados, em sua maioria, objetos inteiros e outros com inscrições que possibilitassem sua identificação. No caso dos fragmentados, foram considerados os que apresentavam características discrepantes em relação aos demais (bases, coloração, terminações), que

indicassem peças, alcançando, assim, dados quantitativos mais confiáveis para o estudo em questão.

A amostra de materiais foi dividida em categorias conforme a forma e a função de cada objeto. No caso dos materiais vítreos, foram estabelecidas as seguintes categorias: *frascos de perfume*, que são os recipientes identificados via inscrições no próprio frasco, o que em sua maioria, possibilitou a identificação da marca dos produtos.

Os *possíveis frascos de perfume* são aqueles materiais em que os frascos contêm algum tipo de adorno típico de frascos de perfumes,⁸ mas que não possuem inscrições indicando a procedência. Esses frascos não poderiam ser considerados de medicamentos, porque os recipientes com remédios não receberiam adornos com formatos de gota ou do corpo de uma mulher como os encontrados.

Tabela 1 – Materiais encontrados nas lixeiras domésticas: Solar da Travessa Paraíso RS.JA-03; Solar Lopo Gonçalves RS.JA-04; Sítio Casa Riachuelo RS.JA-17; Sítio Pinacoteca Municipal RS.JA-66

Forma/função	RS.JA-03	RS.JA-04	RS.JA-17	RS.JA-66	Total	% Amostra
Frasco de perfume	1	1	1	2	5	12%
Possível frasco de perfume	2	2	2	1	7	18%
Frasco de medicamento ou perfume	7	2	2	2	13	32%
Pote ou frasco cilíndrico – vidro leitoso		2			2	4%
Tampas para frasco de vidro			2	1	3	7%
Possíveis potes de creme		2			2	4%
Tampa de possíveis potes de creme			1		1	3%
Tampa de pote de creme para barba			2		2	4%
Pente de cabelo				1	1	3%
Lixa de unha				1	1	3%
Escova de dentes		1		3	4	10%
Total geral de peças	10	10	10	11	41	100%

Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Tabela 2 – Materiais encontrados nas lixeiras coletivas: Mercado Público – RS.JA-05; Praça Rui Barbosa – RS.JA-06 e o Paço Municipal – RS.JA-20

Forma/função	RS.JA-05	RS.JA-06	RS.JA-20	Total	% Amostra
Frasco de perfume	2	2	2	6	14%
Frasco de medicamento ou perfume	4	10	3	17	39%
Frasco de perfume ou tinteiro	1			1	2%
Possíveis potes de creme	5	1	4	10	24%
Tampa de possíveis potes de creme		3	2	5	13%
Saboneteira	2			2	4%
Escova de dentes	2			2	4%
Total geral de peças	16	16	11	43	100%

Fonte: Material coletado pela pesquisadora

Tabela 3 – Materiais encontrados no sítio arqueológico Santa Casa – RS.JA-29

Forma/função	RS.JA-29	Total	% Amostra
Frasco de perfume	7	7	29%
Frasco de dentifrício	3	3	11%
Frasco de xampu	1	1	3%
Possíveis potes de creme	6	6	22%
Possível pote de creme com tampa	1	1	3%
Tampa de possíveis potes de creme	1	1	3%
Escova de dentes	7	7	29%
Total geral de peças	26	26	100%

Fonte: Material coletado pela pesquisadora

No caso do Sítio Solar Lopo Gonçalves – RS.JA-04, apareceram frascos em azul cobalto, identificados por Symanski (1998) como possíveis recipientes de *Florida Water*, uma espécie de água de colônia que, segundo Lima (1996, p. 79), foi utilizada até meados do século XX e frascos com inscrições em Espanhol, possivelmente tenham sido produzidos para exportação para a América Latina, visto que, segundo ela, somente foram encontrados em sítios arqueológicos nessas regiões (América Latina).

A outra categoria, ainda dentro dos materiais vítreos, representa os *possíveis frascos de perfumes ou medicamentos* que são aqueles frascos “simples”, sem inscrições ou decoração que poderiam receber uma tampa de vidro ou rolha de cortiça, semelhantes aos recipientes utilizados em farmácias. Para esse tipo de frasco foi considerada a possibilidade de serem de perfume, porque são parecidos com os frascos identificados como de perfumes sem inscrições que indicassem a procedência. Por isso, existe a possibilidade de haver materiais das coleções dos sítios aqui

estudados, inseridos nessa categoria, que não foram incluídos na amostra por estarem bastante fragmentados, não sendo possível sua identificação.

Também foi criada uma categoria para as tampas feitas de vidro para os frascos, indicadas na bibliografia como “*glass stoppers*” (figura 2). Essas tampas eram utilizadas em frascos que continham substâncias gasosas ou voláteis, encontradas nos sítios Pinacoteca Municipal – RS.JA-66, Casa Riachuelo – RS.JA-17 e Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29. Poderiam receber algum tipo de adorno que era feito durante o processo de fabricação no próprio molde (POLAK, 2000) ou as tampas mais antigas, que eram decoradas manualmente. (JONES, 2000a).

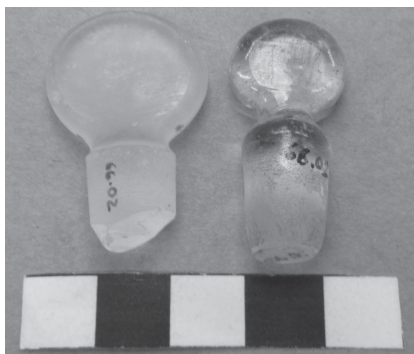


Figura 2: *Glass stoppers* – tampas para frascos de vidro, encontradas nos sítios Pinacoteca Municipal – RS.JA-66, Casa Riachuelo – RS.JA-17 e Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29.

Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).

Foram incluídas, na amostra, duas peças em *vidro leitoso* (JONES, 2000a) oriundas do sítio Solar Lopo Gonçalves – RS.JA-04 – que, pelo seu formato, podem ter sido utilizadas como potes de creme.

No caso do sítio do Mercado Público – RS.JA-05 – foi criada a categoria *frasco de perfume* ou *tinteiro* para um frasco que pode ter sido recipiente de tinta, mas que não foi descartada a hipótese de ter sido contentor de perfume, por ser um frasco decorado (durante o processo de fabricação com um tipo de molde não identificado), parecido com alguns frascos de perfume encontrados na internet.⁹

Na lixeira do hospital, foram encontrados frascos de *líquidos dentifrícios*, que serviam para higiene bucal, identificados via inscrições nos frascos: “DENTIFRÍCIO DR. PIERRE”. Também a embalagem de um

produto para lavar os cabelos e a pele, identificada pelas inscrições no frasco: “TRICOFERRO DE BARRY”, que corresponde à categoria *frasco de xampu*.

Para os materiais em louça, relativos aos cuidados com o corpo, foram selecionados aqueles recipientes em formato de pote, que poderiam conter cremes de beleza. No caso de cremes para o rosto, foram identificadas¹⁰ três variações: *cold cream*; *powder* ou *pomadas*. Esse tipo de produto poderia ser utilizado pelas pessoas independentemente do sexo, pois servia como cremes que embelezavam e perfumavam a pele. Foi encontrado no Sítio Santa Casa – RS.JA-29 um pote em louça com inscrição na tampa: “COLD CREAM”. Houve o caso de produtos de uso específico masculino, encontrados no sítio Casa Riachuelo – RS.JA-17, que foram identificados pelas inscrições como sendo potes de creme para barba “CRÊM... AMAND... pour... de la barbe... L. T... PARI...” e “CRÊME DE S... AUX...” (figura 7).

Os potes de louça variaram entre dois tipos de pasta: *ironstone* e *faiança fina*,¹¹ decorados, ou não, correspondentes às seguintes categorias: *possíveis potes de creme*; *tampas de possíveis potes de creme*; *tampa de pote de creme para barba* e *possível pote de creme com tampa*. A palavra *possíveis* foi utilizada nessas categorias, porque a maioria dos potes não traz nenhuma informação quanto ao produto ou à sua procedência, salvo duas exceções que são as tampas de potes de creme para barba, exumados no sítio Casa Riachuelo – RS.JA-17.

A hipótese de os potes serem de creme, mesmo sem indicação de uso ou procedência, foi considerada, porque, segundo Pot Lids (2009), foram encontrados potes utilizados para creme e saboneteiras bastante semelhantes aos encontrados nos sítios arqueológicos em questão.

Também foram recuperadas, no sítio Mercado Público – RS.JA-05, duas saboneteiras que indicam a realização de práticas relativas ao ritual da toalete e de uso de água pelas pessoas da cidade.

O pente de cabelo recuperado no sítio arqueológico Pinacoteca Municipal – RS.JA-66 – foi produzido com um material chamado baquelite¹² (anterior ao plástico), inventado na primeira década do século XX. Esse artefato (pente), juntamente com uma lixa de unha com marcas de uso, foram inseridos na amostra por terem relação com os cuidados com o corpo, no caso, cabelos e unhas, apesar de ser um sítio inédito ainda não datado.

Quanto às escovas de dentes, todas são feitas com osso, com cerdas possivelmente de pelo de porco ou crinas de cavalos (SANT'ANA, 2000), que serviam para a higiene bucal. No sítio arqueológico da Pinacoteca Municipal – RS.JA-66, a escova dental encontrada foi identificada como de origem francesa devido às inscrições no próprio cabo: “MAUREY DESCHAMPS – PARIS FRANCE – CASA POSTAL ... OUVIDOR – RIO DE JANEIRO”. No sítio arqueológico da Santa Casa – RS.JA-29, foram recuperadas sete escovas: uma escova de origem francesa “... PR... DE DE PARIS”; uma inglesa “J. HALLAWELLE & Co – G.B KENI & SONS – LONDON” e outras cinco escovas sem inscrição.

Os perfumes e seus usos

Os frascos de perfumes, identificados na amostra de materiais selecionados para este estudo correspondem, em sua maioria, possivelmente, a produtos de origem francesa (oito), uma peça de provável origem inglesa e dois frascos miniatura de perfume, cuja procedência não foi reconhecida.

A presença de materiais de origem francesa, identificados a partir de fábricas situadas na França e encontrados nos sítios arqueológicos de Porto Alegre, reforça aquilo que Pesavento (1999) aponta como tendo relação com a busca de paradigmas modernos europeus, e que Lima (1989) revela pela entrada maciça de produtos importados e o consumo deles pela sociedade carioca com a mesma intenção. Quanto à marca dos perfumes, identificada na amostra, essa corresponde a perfumistas franceses muito famosos do século XIX. Inclusive, existe a repetição de produtos da mesma marca em sítios arqueológicos diferentes, como foi o caso do Perfume Lubin (figura 3), que apareceu no sítio arqueológico da Casa Riachuelo – RS.JA-17, e na lixeira do Hospital da Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29. As evidências materiais oriundas desse sítio arqueológico estão em processo de análise, e as interpretações ainda não são conclusivas.

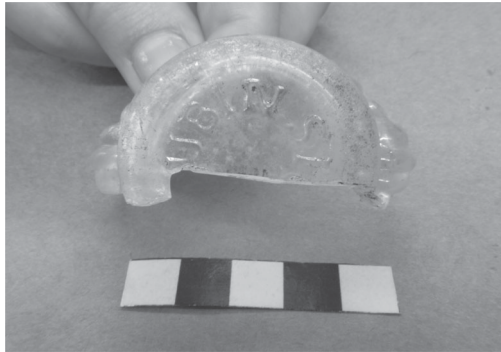


Figura 3: Frasco do perfume Lubin Paris, encontrado nos sítios Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 e Casa Riachuelo – RS.JA-17

Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).

Nos sítios arqueológicos do Solar Lopo Gonçalves – RS.JA-04 – e Pinacoteca Municipal – RS.JA-66, foi identificado o mesmo produto: “ORIZA OIL LE GRAND”. O perfumista Oriza fabricava perfumes na França (ORIZA PERFUMARIE). Ambos os sítios arqueológicos correspondem a residências de pessoas de elevadas posses.

Dois fatos importantes foram descobertos no decorrer das pesquisas e análises com relação à marca acima. Primeiramente, a data da produção do frasco corresponde ao intervalo entre os anos de 1857 e 1870 devido ao uso de *snap case* – ferramenta para segurar o objeto durante a fabricação – e o tipo de molde. (BAUGHER-PERLIN, 1982). A data da marca ORIZA PERFUMARIE corresponde ao ano de 1879 para o início da produção dos perfumes Oriza e foi patenteada somente em 1887. (ORIZA, 2009). Segundo: não foi encontrado nenhum produto com esse nome “ORIZA OIL LE GRAND” fabricado pelo perfumista Oriza, pelo menos nas fontes pesquisadas (via internet e na bibliografia especializada). As discrepâncias entre as datas de produção do vidro e da marca ORIZA PERFUMARIE podem ser indicativas de que esse produto não tenha sido produzido pelo fabricante indicado no frasco.

Com outro frasco de perfume, do sítio da Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 –, com as inscrições “ESSENCE MYSTERIOUSE”, da marca “L.T. PIVER PARIS”, ocorreu fato semelhante, visto que foi encontrado o fabricante, mas nenhum produto com o nome “Essence Mysterieuse”.



Figura 4: Perfume *Parfumeur Paris*, com tampa (à esq.); Perfume *Phonore Paris* (no meio, atrás); Perfume *E. Coudray* (no meio, na frente); Perfume *Essence Mysterieuse* (à dir.) e o Perfume em miniatura (na frente). Encontrados nos sítios Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 – e da Pinacoteca Municipal – RS.JA-66
Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).

O único perfume, identificado na amostra, como sendo, possivelmente, de origem inglesa, corresponde ao fragmento de um frasco exumado no sítio arqueológico do Paço Municipal – RS.JA-20, com as seguintes inscrições: “SOCIETE E... ou SOCIETY E...”. Possivelmente seja de água de colônia, ou seja, “SOCIETY EAU DE COLOGNE” fabricado a partir de 1907, tendo em vista a semelhança dos frascos. (IDENTIFICAR FRASCOS, 2009).

Os sítios arqueológicos da Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 – e da Pinacoteca Municipal – RS.JA-66 – também apresentaram minifracos bastante semelhantes. Possivelmente, sejam de um perfume em miniatura ou uma amostra de perfume, que tem inscrições no ombro do minifrasco: “KISS LISS” ou “KISS KISS”, “...PARIS...”, difíceis de identificar devido ao seu tamanho, com, aproximadamente, 2 centímetros de largura, e pelo avançado processo de decomposição. Não foi encontrado nenhum produto ou marca com esse nome (figura 4).

A partir da segunda metade do século XIX, no Brasil, as águas aromatizadas e as essências perfumadas eram utilizadas por homens e mulheres. Acreditavam no poder curativo e terapêutico dos aromas que eram considerados “verdadeiros ‘elixires da vida’, preservavam a juventude

e a beleza, aliviavam dores, perfumavam hálitos”. (LIMA, 1996, p. 79). Era costume aspergir fragrâncias em ambientes e nos objetos, passadas sobre a roupa e a pele, inaladas em lenços e até ingeridas. A afirmação feita por Lima (1996) reforça os propósitos desta pesquisa no que diz respeito aos motivos pelos quais as pessoas usavam perfumes. Eles vão além da questão terapêutica, fundamentando-se na intenção dos indivíduos de permanecerem jovens e bonitos, pois os aromas “preservam a juventude e a beleza”.

O consumo de perfumes está relacionado à apropriação de discursos e práticas advindos de outros locais – Rio de Janeiro ou Paris – que, possivelmente, foram ressignificados, carregados de elementos internos e externos,¹³ que compõem as particularidades locais, como colocou Tocchetto (2004). Também diz respeito às relações humanas entre grupos (sociedades), às relações comerciais e aos paradigmas existentes na mentalidade do século XIX.

As pessoas, possivelmente, tinham a necessidade de demonstrar aos outros o quão chiques e civilizadas eram ou haviam se tornado. Isso se dava pela apropriação de práticas e discursos ligados à modernidade, ou seja, pela absorção dos paradigmas modernos. Tais paradigmas abrangem os discursos higienistas trabalhados em toda a Europa, os quais pregavam a limpeza e a higienização dos corpos e espaços, e os manuais de civilidade e conduta que ditavam as regras de etiqueta e moda, como outros fatores importantes, além daqueles ligados à política e à economia, envolvendo os avanços da ciência e do capitalismo.

A higiene bucal

As práticas de higiene bucal com o uso de escova de dentes, segundo a autora Lima (1989, 1996), somente são percebidas a partir da chegada da Corte portuguesa. Foram encontrados, nos sítios arqueológicos do Rio de Janeiro, objetos como escova de dentes em osso e potes em faiança de pós-dentífrícos.

Artefatos semelhantes foram encontrados em Porto Alegre, também demonstrando o interesse da população local em fazer o asseio da boca e eliminar o mau hálito. Os objetos usados para esse tipo de cuidado, encontrados nos sítios arqueológicos de Porto Alegre, correspondem a escovas de dentes e embalagens de líquidos dentífrícos – uma espécie de creme dental, de origem francesa (figuras 5 e 6).

No sítio arqueológico da Pinacoteca Municipal – RS.JA-66 –, foi exumada uma escova de dentes de origem francesa, importada via Rio de Janeiro, porque possivelmente foi comercializada na Rua do Ouvidor. O objeto contém inscrições fazendo referência à procedência, pois contém a marca do fabricante no cabo “MAUREY DESCHAMPS – PARIS FRANCE – CASA POSTAL... OUVIDOR – RIO DE JANEIRO”. Ao chegar ao Brasil, o comerciante da Rua do Ouvidor também deixou sua marca no cabo da escova. E, ainda, revela que os ocupantes desse sítio arqueológico adquiriam objetos do Rio de Janeiro, reforçando a ideia de absorção de paradigmas modernos da capital imperial.

Qual era o significado de fazer o asseio da boca no século XIX? Manter a higiene bucal, antes de qualquer coisa, era uma questão estética. As propagandas encontradas sobre o produto “Dentifrício Dr. Pierre” (ANÚNCIO DENTIFRÍCIO, 2009), exumado no sítio Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 – (figuras 5 e 6), remetem a essa questão da aparência, pois o mau hálito podia ser sentido por qualquer pessoa que se aproximasse do indivíduo, enquanto uma dor de dente era sentida apenas pelo sujeito, ou seja, é evidente que a higiene bucal colaborava na prevenção de possíveis moléstias bucais, porém a limpeza da boca era feita com a principal intenção: ter bom hálito.



Figura 5: Frascos Dentifrícios Dr. Pierre, encontrados nos sítios Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29

Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).



Figura 6: Escovas de dentes encontradas no sítio Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29
Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).

Outros apetrechos de toucador

Os objetos que dizem respeito ao ritual dea toalete, encontrados em Porto Alegre, correspondem a potes de creme, saboneteiras, pentes e produtos para lavar os cabelos.

No sítio da Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29 –, foi encontrada uma tampa de pote de creme para o rosto tipo *cold cream*. Esse tipo de produto era fabricado por vários estabelecimentos e em diferentes países da Europa e dos EUA. (POT LIDS, 2009). As práticas de cuidado com o corpo são confirmadas pela presença desses objetos nos sítios arqueológicos, com maior ou menor intensidade, podendo informar preferências e aceitação de produtos no mercado, como é o caso dos dois potes de creme para barba, exumados no sítio arqueológico da Casa Riachuelo – RS.JA-17 –, indicando a preferência do(s) ocupante(s) daquela residência pelo uso de creme francês para barba, possivelmente do mesmo fabricante (figura 7).

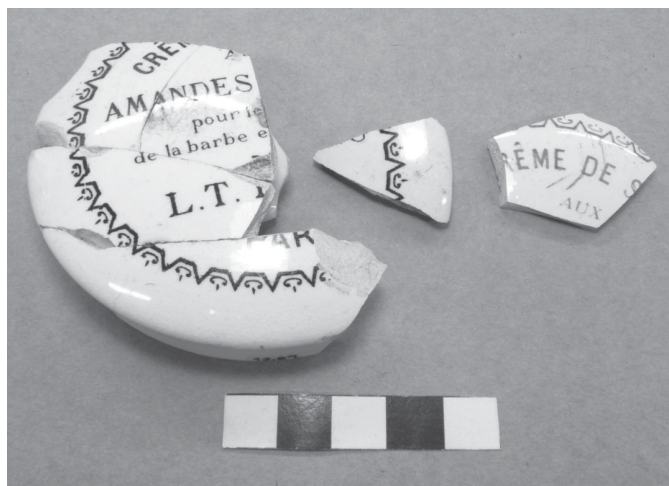


Figura 7: Potes de creme para barba. Sítio Casa Riachuelo – RS.JA-17
Fonte: Material coletado pela pesquisadora Birnfeld (2009).

Outro elemento importante refere-se ao uso de sabão ou sabonete em barra, percebido pelos anúncios em almanaques, também de produtos líquidos para lavar os cabelos e a pele (xampu), como o “TRICOFERO DE BARRY”, encontrado no sítio Santa Casa de Misericórdia – RS.JA-29. Esses produtos demonstram o interesse das pessoas pelo trato da pele e dos cabelos que, por sua vez, necessariamente, deveriam fazer uso de água, seja para abluções parciais, seja para totais.

No sítio da Praça Rui Barbosa – RS.JA-06 –, foi encontrado um produto com as inscrições “LOND...OPODEL”, o qual pode ser uma espécie de sabonete líquido de linimento canforado ou emplasto, possivelmente da marca “OPODEL’ DOC”. Esse produto também era indicado para o tratamento de reumatismos e, possivelmente, utilizado como sabão, capaz de limpar e tratar. Esse também foi encontrado por Lima (1989) em sítios do Rio de Janeiro, indicando sua popularidade no Brasil.

Algumas considerações sobre as análises

Os materiais relativos aos cuidados com o corpo, analisados neste estudo, correspondem a um número pequeno de peças em relação à

louça de chá, de mesa e a peças de vidro não relacionadas com o tema desta pesquisa, recuperadas nos sítios arqueológicos de Porto Alegre.

Esse fato se justifica pela menor necessidade de aquisição de produtos (para manter os cuidados com o corpo) em relação ao consumo de bebidas, peças e/ou louça. Talvez essa minoria em relação a outros produtos esteja atrelada ao processo de aquisição, uso e descarte de perfumes, cremes e escovas de dentes, o descarte, no século XIX, não tinha a mesma conotação que se tem hoje. Esse tipo de produto poderia ser de difícil acesso ou muito caro, aumentando a sua vida útil. No caso dos frascos, muitos continham adornos e, mesmo que acabasse seu conteúdo, as pessoas poderiam guardar o frasco.

Nas unidades domésticas, os materiais recuperados dizem respeito a contextos bem-específicos de pessoas que faziam parte da elite porto-alegrense do século XIX, e os materiais oriundos desses locais informam a incorporação de práticas de cuidado com o corpo por seus usuários, independentemente do sexo.

Quanto às lixeiras coletivas, locais que recebiam lixo de vários pontos da cidade, é impossível saber quem foram as pessoas que formaram esses depósitos. Sabe-se que são ocupantes da cidade, pessoas que aqui viviam e, portanto, dizem respeito aos “modos das pessoas da cidade”, de maneira ampla, generalizante. Também, por meio das unidades domésticas se podem abstrair informações de maneira mais generalizante, uma vez que esses sítios encontram-se inseridos na cidade, e os seus moradores também são “pessoas da cidade”. O mesmo serve para a lixeira da Santa Casa de Misericórdia, que está localizada na cidade e também conta a história das “pessoas da cidade”.

Quanto ao sítio arqueológico Chácara da Figueira – RS.JA-12 –, não foram encontrados materiais relativos aos cuidados com o corpo, e a ausência desses pode servir como indicador de uso, práticas ou acesso em uma área rural da cidade. Isso não significa que os ocupantes do sítio não realizassem práticas de higiene e cuidados com o corpo. Por outro lado, a ausência pode ser resultado da dificuldade de acesso a esse tipo de produto, semelhantemente aos encontrados na área central da cidade (figura 1).

Apesar da distância entre Porto Alegre e Rio de Janeiro e entre Rio de Janeiro e Paris, os valores modernos circulavam pelas grandes cidades (guardadas as devidas proporções), e as pessoas se apropriavam desses discursos, atribuíam significados a eles e agiam de modo particular. Como a questão dos banhos, que, na Europa do século XIX, estavam

apenas sendo retomados devido aos discursos médicos, que afirmavam que os banhos não faziam mal, como anteriormente se acreditava. No Brasil, os banhos eram comuns entre os povos que aqui viviam e causavam espanto aos que aqui chegavam, o tamanho do apreço pela água. Motivado pelas trocas culturais, os costumes e hábitos foram sendo moldados e adaptados de acordo com as especificidades locais.

Essas relações de absorção dos paradigmas modernos não aconteceram de modo simples, como uma conexão entre Porto Alegre – Rio de Janeiro – Paris. Aqui no Rio Grande do Sul, os produtos chegavam de diferentes maneiras: em navios vindos diretamente da Europa, da América do Norte e de outros locais do mundo, de maneira legal ou não.

Considerações finais

Apesar do contexto europeu do século XIX (a respeito dos cuidados com o corpo) estar intimamente ligado à questão da saúde, a cultura material dos sítios arqueológicos de Porto Alegre possibilitou também reflexões sobre os valores de beleza e estética, que permaneciam intrínsecos nos motivos que levavam as pessoas a adotarem práticas de asseio pessoal.

A Porto Alegre do século XIX, apesar de distante geograficamente dos grandes centros nacionais como a capital do Império, São Paulo e Recife, não estava alheia às transformações que estavam ocorrendo. A cultura material afirma essa participação e, ainda, revela informações sobre os agentes que fizeram parte desse processo, o que torna viáveis estudos dessa natureza. A formação de depósitos arqueológicos com objetos de cuidado com o corpo demonstra que os ocupantes da cidade tinham preocupação com o asseio pessoal, impregnados dos valores ligados à aparência como a beleza, a vaidade, a estética e as boas maneiras. Os motivos que os levavam a fazer uso de produtos como cremes, xampus, escovas de dentes, pós-dentífrícios e perfumes envolviam questões que fizeram parte dessa modernidade que foi sendo construída paulatinamente.

Os produtos para o cuidado com o corpo, utilizados pelas pessoas que ocupavam a cidade (Porto Alegre), indicam hábitos e práticas de asseio pessoal. Essas relações humanas compreendem, também, a apropriação de paradigmas modernos, a atribuição de significados a objetos, pessoas ou eventos e, ainda, a particularização dos costumes e

hábitos que acabavam sendo exteriorizados pelos indivíduos da comunidade local, verificadas e interpretadas por meio da cultura material e das relações sociais e de consumo.

As análises e interpretações levaram a novos questionamentos, demonstrando o potencial do tema para pesquisa. Como exemplo, citam-se as reflexões feitas com relação às possibilidades de falsificação de produtos, que surgiram a partir da pesquisa em propagandas de almanaques, as quais normalmente continham frases alertando os consumidores quanto às falsificações, como uma propaganda de óleo para motores automotivos, encontrada no *Almanach Correio do Povo*, de 1920. Por que os anunciantes (dos mais variados tipos de produtos) colocariam esse tipo de informação em seus anúncios?

Outros elementos foram percebidos a partir da análise em materiais, que possibilitaram ver algumas discrepâncias entre os frascos e seus fabricantes, como é a data. A data de fabricação da embalagem que combina com o início da produção da marca ou o produto informado no frasco não corresponde aos produzidos pelo fabricante. Por que ocorreram essas divergências quanto às datas? É possível que o frasco não tenha sido produzido na França pelo “fornecedor oficial” da marca, uma vez que, nos arredores de Porto Alegre, no século XIX, existiam algumas fábricas produtoras de vidro. Isso, possivelmente, explicaria o tipo de molde utilizado para produção daquele vidro que, segundo a bibliografia especializada, já estava em desuso quando surgiu a marca. Isso também explicaria o fato de não se ter encontrado esse produto específico dentre os produzidos pela marca francesa. Seria prudente considerar produtos como originários da França só por conterem informações em francês no frasco? Não poderia ser apenas uma maneira encontrada pelos produtores locais para aumentar a venda dos seus produtos?

Se observarmos as relações de consumo atuais, perceberemos que muitas pessoas consomem produtos de beleza pela fragrância, pelo formato do frasco, pela marca, pela propaganda, dizendo que o produto é bom, etc.

No século XIX, as relações de consumo talvez não fossem diferentes; talvez as pessoas buscassem um determinado produto, porque ouviram dizer que tal perfume estava em moda, na França, e que o seu frasco tinha um determinado formato. A pessoa poderia comprar o produto sem conhecer o seu cheiro e sem conferir se, de fato, era bom ou não. Ou ainda: consumia um produto acreditando ser de origem francesa,

quando, na realidade, havia sido produzido numa botica da cidade. Outra possibilidade quanto às relações de consumo corresponde ao desejo e à cobiça por determinados produtos famosos que, por isso, se tornavam de alto custo. A probabilidade de haver falsificação desses produtos aumentava, porque muitos desejavam, e poucos eram os que tinham acesso.

Outras reflexões são pertinentes com base nos materiais e na produção de frascos e recipientes de produtos para os cuidados com o corpo. Primeiramente, alguns frascos de perfume se destacaram na amostra por serem diferentes de outros e por conterem adornos e formas distintas. Qual é a intenção do fabricante ao colocar no mercado produtos em embalagens excêntricas? Seria em razão da beleza e do requinte, representados nos seus produtos? Para se diferenciar dos demais? Para marcar visualmente a sua marca e o seu produto, uma vez que, no século XIX, muitas pessoas não sabiam ler?

Essas relações de consumo, entendidas a partir da cultura material, possibilitam demonstrar as relações entre pessoas e objetos e informam sobre o uso das “coisas”. Esses usos envolvem questões como motivos, gostos, preferências, regras locais, inclusão, exclusão, fatores de diferenciação, etc. Consumir simboliza uma atividade ritual a partir do momento em que as pessoas fazem uso da cultura material para julgar pessoas e eventos. (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006).

Os valores individualistas advindos das relações capitalistas contribuíram para o aumento do consumo de bens ligados aos cuidados com o corpo, no sentido da valorização do supérfluo, da individualização dos espaços das casas, construção de locais apropriados para o ritual de toalete, além da valorização da aparência.

Os discursos presentes em almanaques, em manuais de civilidade e conduta, as normas higienistas e o próprio Estado podem ser considerados propulsores das transformações acerca das práticas de asseio pessoal, uma vez que a comunidade urbana porto-alegrense do século XIX estava cotidianamente em contato com esse tipo de informação, via rádio, almanaques, jornais, manuais de bom-tom, notícias sobre pessoas influentes da sociedade e mesmo pelo contato entre as pessoas.

A preocupação por parte das pessoas em se manterem limpas, decentes e civilizadas ante as exigências da sociedade oitocentista, se confirma pela presença de produtos destinados a esse fim nos sítios arqueológicos de Porto Alegre. Porém, a parte interessante dessa “história” consiste em tentar descobrir o que isso significava para os ocupantes da

cidade. Por que as pessoas tinham que estar sempre limpas, cheirosas, bem-vestidas e com a aparência impecável? O que acontecia com aqueles que não conseguiam, por algum motivo ou outro, adotar esses costumes? O que “restava” para essas pessoas? Por que as pessoas começaram a consumir produtos para o cuidado com o corpo? Para que se possa chegar a tais respostas, este trabalho, como um exercício interpretativo, pode ser aprofundado futuramente, ampliando os contextos arqueológicos e pesquisas em fontes primárias.

A possibilidade de entender essas práticas, a partir de diferentes contextos arqueológicos, como lixeiras coletivas, unidades domésticas e a lixeira de um hospital, em uma visão geral sobre esses costumes na cidade de Porto Alegre, foi uma abordagem diferente, que revelou o potencial para estudos sobre esse tema, confirmando a proposta desta pesquisa.

Agradecimentos

Dedico este estudo e agradeço profundamente às minhas orientadoras, Gislene Monticelli e Fernanda Tocchetto a confiança e a ideia do tema, por me ensinar a “pensar” e a questionar a cultura material, a ajuda nas análises, por me mostrarem os caminhos de um “fazer” arqueológico. A toda equipe de trabalho do Museu Joaquim José Felizardo o apoio e compreensão e os materiais pesquisados para este trabalho. Agradecimento especial faço ao meu esposo Heitor Birnfeld pela compreensão e carinho, pelos papos e reflexões sobre o trabalho e pela ajuda batendo fotografias dos materiais.

Notas

¹ Maiores detalhes quanto ao contexto do material nos sítios arqueológicos, consulta-se Tocchetto (2004); Santos (2005) e Symanski (1998).

² Humores e Teoria Humoral confira-se em LIMA (1995).

³ Entenda-se aqui como indivíduo saudável aquele que tem uma aparência vistosa, forte e viril, independentemente da saúde interna do corpo.

⁴ Miasma é sinônimo de mau cheiro provocado pela decomposição de matéria orgânica. (VIGARELLO, 1985).

⁵ Química pneumática: também chamada química dos ares, é o estudo sistemático dos gases. O desenvolvimento da Química pneumática, levou ao conhecimento de numerosos gases e ao estudo do seu papel nas reações químicas e a introdução da quantificação em Química, com o emprego sistemático da balança e a lei de conservação da massa, foram os vetores de uma profunda transformação na investigação e no conhecimento químico. (QUÍMICA, 2009).

⁶ Rotulados não significa que os produtos tinham rótulos de papel, mas que foram identificados a partir de inscrições no próprio recipiente.

⁷ Os sítios foram pesquisados no âmbito do Programa de Arqueologia Urbana do Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo, entre os anos de 1994 e 2007.

⁸ Utilizei a expressão: “adornos típicos de frascos de perfumes”, porque nas pesquisas realizadas em bibliografia especializada e em *sites* de garrafas antigas aparecem frascos decorados (com molde) usados como embalagem de perfumes.

⁹ Veja-se mais em Museu do Perfume (2009).

¹⁰ Veja-se mais em Pot Lids (2009).

¹¹ Tipo de pasta correspondente ao tipo de matéria-prima utilizado para a fabricação da louça. Consulte-se mais em Tocchetto et al. (2001).

¹² Confira-se mais em Baquelite (2009).

¹³ *Interno* quer dizer valores locais, e externos, valores advindos de outros lugares.

Referências

- ANÚNCIO DENTIFRÍCIO. Dentrífice Dr. Pierre. Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/gatochy/274401382/>>. Acesso em: 19 de nov. 2009.
- ALMANACH DO CORREIO DO POVO. Porto Alegre, V Anno, p. 268, 1920.
- BANHOS NO BRASIL. História do banho no Brasil. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/comportamento/aguas-tempo-historia-banho-435136.shtml>>. Acesso em: 24 nov. 2009.
- BAQUELITE. O que é. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Baquelite>>. Acesso em: 11 nov. 2009.
- BAUGHER-PERLIN, S. Analysing glass bottles for chronology, function, and trade networks. In: DICKENS, JR; ROY, S. (Eds.). *Archaeology of Urban America*. New York; London: Academic Press, 1982. p. 259-290.
- BIRNFELD, H. Fotografia dos materiais arqueológicos, 2009.
- CORBIN, Alain. Sabores e odores. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2006. (Coleção Etnologia).
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990. v.1.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Microfísica do poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- HISTÓRIA PERFUME. História do perfume. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/historia-do-perfume/historia-do-perfume-7.php>>. Acesso em: 2 nov. 2009.
- HODDER, Ian. Interpretive archaeology and its role. *American Antiquity*, n. 56, v. 1, p. 7-18, 1991.
- _____. *Interpretación en arqueología: corrientes actuales*. Barcelona: Crítica, 1994.
- IDENTIFICAR FRASCOS. Identificar os frascos. Disponível em: <www.gosnell.org.uk>. Acesso em: 19 nov. 2009.
- JONES, Olive R. *Glass bottle push-ups and pontil marks: historical archaeology: approaches to material culture research for historical archaeologists*. 2nd edition. California; Pennsylvania: R. Michael, 2000. p. 149-188.
- _____. *A guide to dating glass tableware: 1800 to 1940: historical archaeology: studies in material culture research*. California; Pennsylvania: K. Karklins, 2000a, p. 141-233.
- LIMA, Tânia Andrade et al. *A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro*. São Paulo: Dédalo, 1989. p. 205-230. v. 1.
- _____. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde, Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 46-98, 1996.
- MUSEU DO PERFUME. Identificar os frascos. Disponível em: <www.museudelperfum.com>. Acesso em: 10 out. 2009.

- OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de. *Um estudo em arqueologia urbana: a carta de potencial arqueológico do centro histórico de Porto Alegre*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – PPG/PUCRS, 2005.
- ORIZA. Vintage Oriza L. Legrand perfumes. Disponível em: <http://reviews.ebay.com/Vintage-Oriza-L-Legrand-Perfumes_W0QQugidZ10000000004_397625>. Acesso em: 19 nov. 2009.
- PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999.
- POLAK, Michel. *Bottles identification and price guide*. 3. ed. New York: Third Edition, 2000.
- POT LIDS. Identificar os potes. Disponível em: <www.deantiques.com>. Acesso em: 19 nov. 2009.
- QUÍMICA PNEUMÁTICA. O que significa. Disponível em: <<http://cvc.institutocamoes.pt/ciencia/d8.html>>. Acesso em: 4 nov. 2009.
- SANTOS, Paulo da G. *Contentores de bebidas alcoólicas: usos e significados na Porto Alegre oitocentista*. 2005. 242 f. Dissertação (Mestrado em História) – PPG/PUCRS, 2005.
- SANTOS, Paulo da G.; TOCCHETTO, Fernanda B. Arqueologia no Paço Municipal. *Rev. CEPA*, Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 38. p. 19-38, jul./dez. 2003.
- SANT'ANA, Valéria B. Hábitos de higiene bucal discutidos a partir de vestígios materiais – século XIX. IN: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 2000, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2000. (CD ROM).
- SHANKS, M.; HODDER, Ian. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. IN: HODDER, Ian et al. (Orgs.). *Interpreting archaeology: finding meaning in the past*. London: Routledge, 1995.
- SOUTH, Stanley. Evolution and horizon as revealed in ceramic analysis in historical archaeology. *The conference on Historic Site Archaeology Papers, Institute of Archaeology na Anthropology*, Columbia: Univ. South Carolina, n. 6, p. 71-116, 1972.
- SYMANSKI, Luis Cláudio P. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 1998.
- _____. Bebidas, panacéias, garrafas e copos: a amostra de vidros do Solar Lopo Gonçalves. *Revista da Sociedade de Arqueologia Brasileira*, n. 11, p. 71-86, 1998a.
- _____. Relatório Técnico Final. Projeto Arqueologia Urbana de Porto Alegre: Solar Lopo Gonçalves. Porto Alegre: Museu Joaquim José Felizardo, 1998b.
- TOCCHETTO, Fernanda et al. *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Porto Alegre: Unidade Editorial/PMPA, 2001.
- _____. *Fica dentro ou joga fora? Sobre práticas cotidianas em unidades domésticas na Porto Alegre oitocentista*. 2004. 330 f. Tese (Doutorado em História) – FFCH/PUCRS, 2004.
- VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.